



**II CONGRESSO DE ENSINO,
PESQUISA E EXTENSÃO DA UEG**

20 a 22 de Outubro de 2015
Local: Câmpus – Pirenópolis

*Interdisciplinaridade e currículo:
uma construção coletiva*



A IMAGEM DA MULHER NO CANCIONEIRO LÍRICO DE BERNAL DE BONAVAL

Marisa Macedo Braz de Almeida¹

Márcia M. Melo Araújo²

INTRODUÇÃO

Este trabalho trata de estudo acadêmico realizado por meio do projeto de pesquisa intitulado *A imagem da mulher nas pastorelas de Airas Nunes e D. Dinis: mito e simbolismo no imaginário medieval*, da Universidade Estadual de Goiás, Câmpus Pires do Rio – GO, sob orientação da profa. dra. Márcia Maria de Melo Araújo. Para desenvolver o plano de estudo, iniciamos pelo estudo das primeiras obras e movimentos literários em terras galegas e portuguesas, envolvendo a formação do Estado português cuja vida cultural parece-nos ligada à vida da península ibérica. Salientamos que as informações contidas aqui foram retiradas de livros e textos encontrados na própria biblioteca da Universidade e ainda de textos e artigos de fontes encontradas na internet. À medida que aprofundamos na pesquisa, citamos outras fontes de teóricos, medievalistas e estudiosos do assunto, a exemplo de Hilário Franco Júnior (2001) e Massaud Moisés (1988).

OBJETIVO

O principal objetivo proposto em nosso plano de estudo trata-se de investigar a imagem da mulher no cancionero lírico de Bernal de Bonaval. Entretanto, para tratar da questão dos primeiros textos produzidos por esse trovador, houve por bem estipularmos

¹ Graduanda em Letras Português/Inglês e suas respectivas literaturas, bolsista PBIC/UEG, câmpus Pires do Rio, e-mail: marisambalmeida@hotmail.com

² Professora de Literaturas de Língua Portuguesa, Universidade Estadual de Goiás, Pires do Rio, Goiás. Doutora em Estudos Literários pela Universidade Federal de Goiás. Líder do Grupo de Estudo e Pesquisa em Literaturas de Língua Portuguesa/GEPELLP/CNPq.



II CONGRESSO DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO DA UEG

20 a 22 de Outubro de 2015
Local: Câmpus – Pirenópolis

*Interdisciplinaridade e currículo:
uma construção coletiva*



outros objetivos como, por exemplo, estudar a lírica medieval portuguesa, em especial as cantigas de amigo e as cantigas de amor de Bernal de Bonaval; entender e contextualizar histórica e literariamente a lírica galego-portuguesa; consultar textos sobre a situação da mulher medieval, bibliografias particulares e gerais sobre os cancioneiros portugueses (Cancioneiros da Ajuda, da Biblioteca Nacional e da Vaticana) que trazem selecionados cantigas de amigo e cantigas de amor; redigir textos como resumos, artigos e ensaios sobre o trabalho investigado e apresentá-los em eventos científicos, como Colóquios de Letras e seminários acadêmicos.

METODOLOGIA

Como metodologia para o desenvolvimento da pesquisa, apresentamos neste relatório, o passo a passo referente a estudos e pesquisas sobre a Idade Média e o Trovadorismo. De início, selecionamos alguns materiais didáticos, como livros, artigos e textos fílmicos sobre o Trovadorismo. Esse material servirá de alicerce para a elaboração de um artigo que trata de uma reflexão sobre o perfil da mulher na lírica galego-portuguesa, tendo como *corpus* as cantigas de Bernal de Bonaval (1230 – 1260), trovador pertencente à segunda geração, na qual estariam os primeiros trovadores a produzir cantigas em terras galegas e portuguesas.

No momento estamos fazendo leituras, fichamentos e resumos desses textos e participaremos do II Congresso de Ensino, Pesquisa e Extensão da Universidade Estadual de Goiás (II Cepe|UEG) que se encontra com inscrições abertas para apresentações de trabalhos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Sistematizamos este relatório em duas partes, com a seguinte estrutura: 1ª Parte – Idade Média e 2ª Parte - Trovadorismo. Na primeira, trouxemos à discussão a Idade Média como período de contribuição às artes e à história da língua portuguesa, em que o Trovadorismo se alicerçou como movimento literário. Na segunda parte, comentamos o início do Trovadorismo e suas características, situando Bernal Bonaval e sua lírica em meio ao inusitado número de trovadores autores de cantigas medievais profanas.

Pirenópolis – Goiás – Brasil
20 a 22 de outubro de 2015



II CONGRESSO DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO DA UEG

20 a 22 de Outubro de 2015
Local: Câmpus – Pirenópolis

*Interdisciplinaridade e currículo:
uma construção coletiva*



1 - A Idade Média: Os Renascentistas, no século XVI, definiram essa época como a “Idade das Trevas”, “Idade da Fé”, ou ainda “A espessa noite Gótica”, ou seja, parecem indicar um período decadente. Segundo Hilário Franco Júnior (2001), podemos dizer que a Idade Média refere-se a um período da história europeia de cerca de mil anos, porém que não podemos ao certo definir quando exatamente houve essa transição de épocas: da Antiguidade para a Idade Média, e daí até a Modernidade. Então, passou-se a subdividir essa periodização da história medieval em fases: 1- A Primeira Idade Média (Antiguidade Tardia): estendeu-se do início do século IV ao VIII; 2 – A Alta Idade Média: ocorrida em meados do século VIII até os fins do século X; 3 – A Idade Média Central: sucedida nos séculos XI-XIII, e 4 – A Baixa Idade Média: iniciou no século XIV se estendendo até meados do século XVI (FRANCO JÚNIOR, 2001).

Régine Pernoud (1994), defensora e estudiosa da Idade Média, em seu livro intitulado *Idade Média, o que não nos ensinaram*, coloca em realce o papel da mulher na sociedade medieval. A autora acredita que a Idade Média tem seus louvores e merece toda a atenção e importância. Concordamos quando ela comenta que mil anos de história sem produção poética ou literária é inconcebível. Para a escritora, as coisas aconteceram com naturalidade, de acordo com a evolução humana. Por exemplo, segundo Pernoud (1994), as relações de vassalagem e suserania aconteceram de maneira natural, pois com o fim do Império Romano seguido das invasões bárbaras, a população ficou desprovida de leis e de proteção, o que fez surgir a necessidade de proteção mútua, de “comunidade”.

Acreditamos, assim como Pernoud, que tudo começou com esses acordos de proteção: alguns produziam alimentos, ferramentas e outras coisas necessárias à sobrevivência, já que a economia era baseada na agricultura, e em troca outros se encarregavam da proteção contra invasões, assaltos etc. Daí originou-se a ordem feudal em que o “[...] pequeno agricultor, impotente para garantir sozinho sua segurança e a de sua família, une-se ao vizinho poderoso que tem a possibilidade de manter homens armados; este concorda em defendê-lo, em troca de parte da colheita.” (PERNOUD, 1994, p. 69).

Pernoud logicamente conclui que o esquema de relações que se criaram nos séculos V e VI conduziu definitivamente ao Feudal: termo de origem germânica ou céltica, que



II CONGRESSO DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO DA UEG

20 a 22 de Outubro de 2015
Local: Câmpus – Pirenópolis

*Interdisciplinaridade e currículo:
uma construção coletiva*



designa o direito de que se frui sobre um bem qualquer, geralmente uma terra. Isso, claro, permaneceu apenas no começo da Idade Média, a chamada Alta Idade Média, “os mais tenebrosos de uma Idade de Trevas (do século V à restauração do Império do Ocidente por Carlos Magno, trezentos anos depois)” (PERNOUD, 1994, p. 71).

Rainer Souza (2014) afirma que entre os séculos V e X, a maior parte dos indivíduos daquela época não tinha alcance aos livros, nem dominava a escrita. No processo de cristianização muitos dos convertidos tinham acesso aos livros bíblicos, mas como não podiam ler, tomavam como base para suas narrativas as imagens contidas naqueles livros. Ainda na Alta Idade Média, o Império de Carlos Magno contribuiu para os avanços da literatura com as atividades culturais e intelectuais, bem como os mosteiros com a preservação e produção intelectual de escritos da Antiguidade. Mas foi na Baixa Idade Média que houve mais transformações na literatura, tais como: (i) o nascimento das línguas nacionais (românicas), quebrando do monopólio do latim escrito na maior parte dos documentos da época; (ii) poesia épica, marcada pela temática militar, que enaltecia a vida dos cavaleiros.

Para Moisés (1988), é incontestável a dificuldade de se entender o legado poético trovadoresco devido o gosto do leitor moderno. Ainda mais porque o trovadorismo exige do leitor dos dias atuais um conhecimento das condições socio-históricas da Idade Média e a distância desse tempo é uma barreira quase intransponível. Entretanto autores como afonso duarte, Manuel Bandeira, Cecília Meireles, entre outros notáveis da poesia brasileira foram buscar nessas fontes inspiração para os seus poemas. Muitos trovadores conseguiram encontrar palavras para construir imagens poéticas que ainda hoje trazem uma beleza espontânea, fruto da intuição ou do engenho e arte.

2 - T trovadorismo: Chamado por Massaud Moisés (1988) de a primeira escola literária portuguesa, o movimento trovadoresco aconteceu, aproximadamente, no período de 1198 a 1418. As primeiras décadas desse tempo marcaram a guerra de reconquista do solo português ainda sob domínio mourisco, cujo último ato se desenrola em 1249, quando Afonso III se apodera de Albufeira, Faro, Loulé, Aljezur e Porches, no extremo sul do país, enfim derrotando os sarracenos em Portugal.



II CONGRESSO DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO DA UEG

20 a 22 de Outubro de 2015
Local: Câmpus – Pirenópolis

*Interdisciplinaridade e currículo:
uma construção coletiva*



A origem dessa poesia pode ser fundamentada em uma das quatro teses seguintes: 1. Tese árabe – cultura árabe como velha raiz; 2. Tese folclórica – criada pelo povo; 3. Tese médio-latinista – origem na literatura latina produzida na Idade Média; e 4. Tese litúrgica – considera-a fruta da poesia litúrgica-cristã. Ou mesmo ser o conjunto delas, em função de fatores que promoveram ou ajudaram a promover o que hoje conhecemos como primeiras fontes da literatura de língua portuguesa.

Acreditamos que o trovadorismo português tenha nascido dessa junção entre as correntes popular, de origem autóctone, praticada em Portugal e a provençal, levada pelos jograis franceses. Até a palavra trovador em português corresponde à “troubador” em Provença. “Trouver” = achar. O que significa que os poetas deviam compor, achar sua canção, cantiga ou cantar. O poema implicava o canto e o acompanhamento musical, com instrumento de corda, percussão e sopro.

O trovador compunha, declamava e cantava, mas podia também só declamar e ter o acompanhamento de outros artistas: o jogral, o segrel e o menestrel. O trovador era um artista completo. O jogral podia se referir a um saltimbanco, o truão, o ator mímico, o músico ou até mesmo compor: era de classe inferior mas podia por seus méritos ser tido como trovador. O segrel ficava entre um trovador e um jogral, era trovador profissional e ia de Corte em Corte, com cantigas próprias ou não, em troco de soldo. E por fim o menestrel era músico da Corte.

O idioma usado era o galego-português, por haver uma afinidade linguística entre Portugal e Galiza, pois de acordo com Alfredo Rodríguez (2015), o galego e português tinham a mesma origem e eram unidos politicamente, apesar de uma posterior separação a literatura continuou a ser escrita em galego-português. A poesia trovadoresca era dividida entre lírico-amorosa – cantigas de amor e de amigo – e satírica – cantigas de escárnio e maldizer. Nas cantigas de amor, o poeta canta sua paixão pela dama, sempre de uma classe superior à sua, e usa a cantiga para declarar um amor inatingível, que nunca corresponderá aos seus desejos de homem, ou seja um amor platônico. A cantiga transparece um imenso sofrimento do trovador, do qual o desejo nunca se realizará. Existia um código de comportamento ético (regra do amor cortês), em que o poeta não podia mencionar o nome da mulher em questão. Então só restava a este trovador sofrer, a coita amorosa (coita=sofrimento).



II CONGRESSO DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO DA UEG

20 a 22 de Outubro de 2015
Local: Câmpus – Pirenópolis

*Interdisciplinaridade e currículo:
uma construção coletiva*



Na cantiga de amigo, o eu-lírico presente, a voz, era da mulher, ou seja, o trovador escrevia o sofrimento amoroso sentido por uma mulher, quase sempre de uma classe popular, cujo objeto amado podia ser ou não o próprio poeta. Massaud Moisés (1988) comenta que ocorria a dualidade amorosa experimentada pelo trovador, ou se expressava a uma nobre dama (dualismo amoroso em espírito), ou se expressava à pastora, à camponesa, como se falasse pela mulher (lirismo amoroso com os sentidos), ambos sempre feitos na primeira pessoa do singular ou plural.

Geralmente a mulher contida nesses versos se reportava, aclamava se dirigindo às mães, às amigas, aos pássaros, árvores, fontes e rios, sempre com sua paixão incompreendida, porém entregue inteiramente ao amor. As cantigas eram realistas, naturais e espontâneas, enquanto nas cantigas de amor as cantigas são mais idealizadas no trato amoroso.

As histórias de amor aconteciam desde o primeiro momento do encontro até o abandono da mulher, pois o bem-amado geralmente estava em movimento, indo e vindo de guerras, prestando serviço militar. Portanto as cantigas de amigos podiam se passar em vários locais, dando-lhe um aspecto mais narrativo e descritivo. Podia se classificar essas cantigas dependendo dos lugares e circunstâncias: serranilha, pastorela, barcarola, bailada, romaria, alba ou alvorada.

Lênia Márcia Mongelli (2009), em suas “Cantigas de amigo”, inicia essa parte de seu livro com a cantiga “Ay, fremosinha, se ben ajades”, de Bernal de Bonaval. Trata-se de uma cantiga dialogada, de refrão, em que a primeira voz deseja sorte para a jovem que se encontra longe da vila a espera do amigo. Assim é a cantiga:

“Ay, fremosinha, se ben ajades!
Longi de vila quen asperades?”
“Vin atender meu amigo”.

“Ay, fremosinha, se gradoedes!
Longi de vila quen atendedes?”
“Vin atender [meu amigo]”.

“Longi de vila quen asperades?”.
“Direy-vo-l’eu, poys me preguntades:
vin atender [meu amigo]”.

Pirenópolis – Goiás – Brasil
20 a 22 de outubro de 2015



II CONGRESSO DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO DA UEG

20 a 22 de Outubro de 2015
Local: Câmpus – Pirenópolis

*Interdisciplinaridade e currículo:
uma construção coletiva*



“Longi de vila quen atendedes?”.
“Direy-vo-l’eu, poi-lo non sabedes:
vin atender meu [amigo]”.
(MONGELLI, 2009, p. 99)

Em comentário sobre esta cantiga, Mongelli (2009) reforça o esquema adotado por Bonaval, considerado o mestre do paralelismo pela crítica de maneira geral. Esse esquema de rimas, só encontrado no cancioneiro de João Soares Coelho, qualifica Bonaval como um dos fundadores da escola lírica galego-portuguesa, o que fez com que a geração seguinte visse nele respeitosamente um mestre. Para Mongelli (2009, p. 100),

A evidente musicalidade da cantiga ainda se deve à divisão dos versos de cada dístico em dois hemistíquios pentassílabos átonos. O primeiro desses hemistíquios põe em destaque um vocativo (*Ay, fremosinha*), um advérbio de lugar (*longi de vila*) e um verbo *dicendi* (*direy-vo-l’*), chamando a atenção para o teor narrativo do texto: bela e expectante, ela aguarda o amado em lugar distante de olhares curiosos; surpreendida pelo observador que se faz íntimo (*Ay, fremosinha*), ela termina por responder com certa impaciência (vv.8, 11).

Parece que a jovem se arrisca, na espera do namorado, ao se distanciar da vila e se expor aos perigos de estar sozinha longe de casa. Fica subentendido o pedido do amigo que a faz afastar-se de casa para o encontro amoroso quando ela diz que “*vin atender meu amigo*” [vim esperar meu namorado]. Há um certo conformismo na resposta da fremosinha, marcado pela repetição, seja na forma como ela espera o namorado, seja na maneira de responder ao seu interlocutor que pergunta insistentemente por quem ela espera longe da vila.

De acordo com Spina (2009), na poesia galego-portuguesa o retrato da mulher apresenta certo recato e vassalagem a que se obrigava pelo formalismo da vida feudal. A dama ideal, sempre bela, devia ser educada segundo os ditames da cortesia, formação esta que deveria ser revelada em seus gestos e atitudes. Nota-se nos atributos da fremosinha, as qualidades morais que definem um comportamento da mulher em sociedade. Desse modo a figura física é acessória, embora o interlocutor a veja como bela.



II CONGRESSO DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO DA UEG

20 a 22 de Outubro de 2015
Local: Câmpus – Pirenópolis

*Interdisciplinaridade e currículo:
uma construção coletiva*



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entre as considerações finais para este relatório, temos que Bernal de Bonaval está entre os principais trovadores. Desse universo destacamos: João Garcia de Guilhade, Martim Codax, Afonso Sanches, João Zorro, Airas Nunes, Dom Dinis, Aires Corpancho, Nuno Fernandes Torneol, Paio Gomes Charinho e outros. Todos contribuíram de maneira relevante para o valor da poesia medieval. Aproveitamos para reiterar que entre os resultados esperados para esta pesquisa estão as atividades para que este estudo venha a se transformar, mais tarde, em Trabalho de Conclusão de Curso e em ações desenvolvidas durante os seminários que se almeja realizar em Semanas de Letras, Colóquios, Simpósios da Universidade Estadual de Goiás ou em outros eventos científico-acadêmicos.

REFERÊNCIAS

FRANCO JUNIOR, Hilário. *A Idade Média: nascimento do ocidente*. 2.ed. ver. e ampl. São Paulo: Brasiliense, 2001.

MOISÉS, Massaud. *A literatura portuguesa*. 31. ed. São Paulo: Cultrix, 1988.

MONGELLI, Lênia Márcia. *Fremosos cantares: antologia da lírica medieval galego-portuguesa*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009.

PERNOUD, Régine. *Idade Média: o que não nos ensinaram*. Tradução de Maurício Brett Menezes; revisão técnica Francisco José Pereira das Neves Vieira. 2. ed. Rio de Janeiro: Agir, 1994.

RODRIGUÉZ, Alfredo Maceira. Publicação de Artigos. *Galego e Português Modernos – Um estudo comparativo*. Disponível em: <[http://www.filologia.org.br/revista/artigo/2\(6\)30-37.html](http://www.filologia.org.br/revista/artigo/2(6)30-37.html)>. Acesso em: 14 fev.2015.

SOUZA, Rainer. *Literatura Medieval*. Disponível em: <<http://www.brasilecola.com/historiag/literatura-medieval.htm>>. Acesso em: dez.2014.